

PRINCESA REVISITANDO PRINCESAS: INTERTEXTUALIDADE E AUTONOMIA DO FEMININO EM “A PRINCESA QUE ESCOLHIA”(2006), DE ANA MARIA MACHADO

Fabírcia dos Santos Silva Martins (PMEL - UFG/CAC)³
fabricia_ss.martins@hotmail.com

Profa. Dra. Silvana Augusta Barbosa Carrijo (PMEL - UFG/CAC; UNESP/ Assis;
bolsista de pós-doutorado CAPES/FAPEG)

Resumo: O diálogo entre as produções artísticas é um processo recorrente em obras de arte literária. Como bem lembra Kristeva (1974, p. 62) já nos deparamos com a ideia de que ‘a palavra literária não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras’. Diante disso, o trabalho em questão propõe uma análise intertextual do conto de fada moderno *A princesa que escolhia* de Ana Maria Machado e das ilustrações contidas no livro, a fim de investigar os elementos que nele dialogam com alguns contos de fadas clássicos e assim sendo, demonstrar que as narrativas modernas, ainda que adaptem os clássicos a uma nova realidade social, cultural e histórica, podem se caracterizar como mantenedoras dessa arte e se configurar como uma interação verbal entre elas (Bakhtin, 1992).

Palavras Chave: Intertextualidade; literatura infanto-juvenil; contos de fada.

Os contos de fada clássicos nos fascinam desde a infância, com suas narrativas encantadoras com príncipes e princesas e finais felizes, e ainda que já tenhamos chegado à idade adulta conseguimos nos sentir extasiados com essas histórias pelo instigar de novas reflexões e conceitos. A releitura através dos contos modernos, em uma linguagem nova e repaginada, estreitamente articulada com a original também nos traz essa fascinação, como acontece na obra: *A princesa que escolhia* (2006) de Ana Maria Machado.

O conjunto de informações e relações que são estabelecidas através das histórias contadas nos leva a articular conhecimentos e informações previamente absorvidos para assim dar sentido ao enredo que nos é colocado, sabendo-se que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, pois absorve e transforma a multiplicidade de outros textos” (KRISTEVA, 1974), e assim sendo o conhecimento previamente adquirido em relação ao mundo/realidade/ficção se torna ferramenta importante na compreensão de outros textos ou diálogos.

³ Mestranda em Estudos da Linguagem (PMEL;UFG/CAC). Graduada em Letras/Português (UFG/CAC).

Compreende-se que os contos de fada clássicos ao serem acionados em nível intertextual, ainda hoje dão testemunho de sua importância e de sua enorme influência no imaginário contemporâneo como ressalta Olmi no artigo intitulado *Renovando a tradição pelos caminhos da Intertextualidade*(2005). Outra reflexão pertinente a se fazer é a sobre a renovação do cânone literário, que outrora era extremamente voltado à ordem cultural masculina. Essa revisão “constituiu um passo fundamental no surgimento e no desenvolvimento de uma autêntica e legítima tradição da escritura feminina a respeito das questões que envolvem a mulher em seu papel social e cultural” (OLMI, 2005, p.2).

A postura do rei representada no conto *A princesa que escolhia* deixa bem clara a opinião machista do personagem masculino, inspirada na postura clássica, que no desenrolar da narrativa vai transformando pela ação inteligente da protagonista: “Ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem” (PQE, p. 8).

Na obra em questão a autora ao caracterizar a personagem principal inicialmente faz esse resgate do perfil feminino da “boa menina”: “Era uma vez uma princesa muito boazinha e bemcomportada. Boazinha até demais, sabe? Obedecia atudo. Concordava com todos. Uma verdadeira maria-vai-com-as-outras!” (PQE, p. 7). A ideia de que a menina deve ser dócil, amável e boazinha estando sempre cordata com todos, consiste em um paradigma ideológico comum ao patriarcado e ao legado cultural que dele advém, como os textos da literatura clássica e assim, ao ter acesso a estes textos (sejam eles da tradição escrita ou falada), nos tornamos capazes de estabelecer essa relação.

Vê-se que através do diálogo mútuo entre diversos textos inova-se e transpõem-se parâmetros anteriormente estabelecidos e assim temos conquistas culturais e sociais nos debates que a literatura promove por meio do questionar de posturas clássicas. E nada mais importante nesse processo que a alusão ao preparo que se requer a leitura desses códigos, para uma efetiva compreensão das mensagens implícitas no contexto inquietante das narrativas. Como bem elucida Mendes

A identificação da intertextualidade depende da extensão de leitura que se tenha. Quanto mais lermos, mais nos será possível perceber a

presença de uns textos em outros e maior será a nossa compreensão de leitura. Às vezes, o sentido da obra está exatamente nessa espécie de diálogo estabelecido entre o novo texto e o anterior (MENDES, 1994, p. 33).

As princesas boazinhas, corretas e delicadas demonstram como as boas meninas deveriam se portar em relação aos pais e a todos aqueles que se referiam a elas sendo sempre submissas e subservientes. Nas obras modernas, no entanto, temos um suplantar dessa expectativa caracterizada pela autonomia requerida pela princesa o que causa grande espanto aos demais personagens

Parecia até que só sabia dizer:

- Sim, senhor.

Ou então:

- Sim, senhora.

Dependendo de quem mandava.

Ainda bem que isso não durou muito, porque senão a gente não ia ter história, ou só ia ter uma história muito chata, sem graça nenhuma.

Mas a sorte é que um dia ela disse:

- Desculpe, mas acho que não.

Todo mundo se espantou muito.

A mãe, que também era boazinha demais, quase desmaiou de susto. (PQE, p. 7-8).

Como se pode perceber há extrapolação de alguns paradigmas ideológicos, como nesse caso da ‘princesa boazinha’ que não quer mais concordar sempre com mundo e reivindica o poder de escolha/decisão em um processo de construção de autonomia de sua identidade de gênero feminina, atestando o caráter moderno e contemporâneo da obra em análise. A ideia de “boa menina” que é um conceito recorrente nos contos de fada clássicos passa por esse processo de transposição de barreiras. O que se nota é que além de fazer uso dos elementos clássicos, Ana Maria Machado os utiliza como ponto de partida para algo que está além de uma simples interação.

Vemos que, embora a princesa inove ao requerer seu direito à autonomia, o papel de “menina boazinha” continua sendo representado pela figura da mãe que quase desmaiou de susto ao ver a filha se desviando do padrão esperado. E ainda se reforça a ideia com a fala do próprio pai que impõe a ela um castigo: “- Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha” (PQE, p.8). No trecho mencionado, encontramos ainda a intertextualidade com o conto de fada *Rapunzel* dos Grimm

(1825)em que a personagem principal, que dá nome ao conto, passa boa parte de sua vida trancada em uma torre à qual quem tem acesso é apenas a bruxa que lhe prendera ainda com doze anos. Mas o que se nota na recriação de Ana Maria Machado é que ficar trancada na torre “Foi a maior sorte da vida da princesa” (PQE, p. 11), pois nesse período ela teve acesso às mais diversas formas de conhecimentos pelos livros e pela internet que logo após se tornou o meio de alcance de seus objetivos. Parte-se daqui mais uma vez do consenso ideológico tradicionalmente patriarcal a uma revisão de valores, o que para Rapunzel simbolizava apenas a “prisão/castigo” se torna para a protagonista do conto de Ana Maria Machado, o meio de libertação da personagem.

Na narrativa de Ana Maria Machado os bailes também são mencionados assim como aquele que foi realizado para o príncipe do conto de fadas *Cinderela* de Charles Perrault (1697), quando o rei decide que o príncipe deveria se casar. A princesa ao crescer se depara com seus pais organizando para ela um baile.

Um dia, o rei e a rainha acharam que estava na hora de a filha se casar. Resolveram dar um baile enorme e convidar os mais lindos príncipes, de toda parte. Mandaram arautos para anunciar a festa pela cidade toda, enviaram convites para os países próximos e os reinos distantes (PQE, p. 26).

De qualquer forma, os contos de fada não constituem apenas uma fonte de estudos, vão bem mais além, se tornando ferramenta única de reflexão e ponto de partida para que novos tipos de contos sejam escritos e passem a fazer parte do universo da criança/leitora em todas as idades (OLMI, 2005). E a obra em questão é um exemplo bastante significativo desse processo de interação intertextual, de revisionismo (entenda-se aqui o novo olhar que se tem dado aos contos de fada), além de inter-relacionar as características e aspectos das obras, a autora promove uma interação entre as personagens de forma a confirmar ainda mais a autonomia da princesa que ao se deparar com os príncipes escolhe para eles a princesa perfeita dos contos clássicos, respeitando o perfil de cada um:

| Candidato | Características | Sugestão ¹ |
|-----------|---|--|
| 1º | Esportivo; gosto por escalar montanhas; subir em paredes. | Sabe aquele deserto assim, assim naquele lugar assimado? Pois lá tem uma torre enorme, com uma traça pendurada, ótima de escalar. E ele encontrou Rapunzel. |
| 2º | Interessava-se sobre criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados. | Ela achou que ele devia ser bom para experimentar sapatinhos e escolheu uma boa noiva para ele, e daí pouco tempo estava casado com uma tal de Cinderela. |
| 3º | Muito íntimo, gostava de contar piadas e dar palmadinhas nas costas dos ministros. | A princesa achou que ele devia ser ótimo para enganar quem estivesse com maçãs entaladas e escolheu a noiva dele. Logo após ele se casou com Branca de Neve. |
| 4º | Muito falante e barulhento | Era o marido ideal para outra princesa, coitada, que esperava há tantos anos, esquecida de todos, dentro de um bosque cheio de espinhos: A Bela Adormecida. |

¹Referência: O Poder da Palavra Escolher: Autonomia do Feminino na obra A Princesa que Escolhia, Silvana Augusta Barbosa Carrijo.

O processo intertextual pelo qual são submetidos os contos de fadas clássicos e os modernos é bem representado na produção de Ana Maria Machado não apenas no nível textual, mas também no nível das ilustrações. A ilustradora Marina Massarani, desde a capa do livro, vem traçando esse caminho intertextual pela obra passando por vários pontos extremamente significativos e que nos levam, consciente ou inconscientemente, a viajar pelo universo dos contos de fadas.

Já nos primeiros desenhos na capa e nas páginas iniciais, a princesa do conto moderno é vinculada à imagem de Rapunzel. Assim como a pobre menina, que ao ser descoberta pela fada por seus encontros com o príncipe, tem seus cabelos cortados, a princesa da versão moderna também aparece com seus cabelos curtos no decorrer da narrativa, isso se dá no momento em que ocorre uma mudança na vida da mesma, o que pode simbolizar essa nova fase que viveria a partir do momento em que seu pai – o rei – a readmite no convívio social do castelo. A mudança advém da transformação do pensamento do rei que passa a considerar o conhecimento e sabedoria da menina e passa a ouvir os seus conselhos dela. Apesar de não ficar explicitamente apresentado no texto verbal, podemos observar que o cortar dos cabelos (P.Q.E, p. 22-23) ocorre justamente durante essa fase de mudança no rumo da narrativa.

Ainda tendo como ponto de partida o texto não verbal podemos ressaltar a ilustração de Massarani referente ao baile, que embora aconteça em um tempo moderno é simbolizado como os bailes das clássicas ilustrações de contos como a de Cinderela com vestidos de festa longos, coroas e os músicos com seus trompetes (P.Q.E, p. 28).

Como já havia sido relatado, Ana Maria Machado, promove a interação da princesa de seu conto com outros personagens de obras distintas e isso se dá também nas ilustrações que evidenciam esse processo. A ilustradora, fazendo uso de uma espécie de porta retratos antigo, que são usados em colares como lembrança de pessoas queridas, mostra como os casais iriam se compor, cada príncipe – pretendente da princesa moderna – agora com sua respectiva princesa como pode ser visto na ilustração da página 30.

O último personagem a ser mencionado no baile da princesa é outro conhecido daqueles que apreciam os contos clássicos, Barba Azul. Porém esse último não tem um final feliz, a princesa muito “sabida” percebe que havia algo de estranho quando ele diz

- Quando se casar comigo, vai ter de tudo, ganhar presente todos os dias. Vamos morar em palácio maravilhoso, cheio de quartos. E vai poder entrar em todos. Quer dizer, quase todos. Tem um que não pode. Ela olhou bem pra cara dele [...] lembrou de umas coisas que tinha lido... e chamou a polícia. [Eles] encontraram um monte de esqueletos de mulheres no castelo do Barba Azul. (P.Q.E., p. 32)

O que nos chama atenção também é como a narradora demonstra sua sabedoria e bom humor quando ela relata a conclusão da louca história do pretendente

da princesa, “A princesa ficou horrorizada. Não quis brincar com coisa tão séria. Mas bem que pensou: ‘Isso não era um príncipe, era um abismo, um *principício*’” (P.Q.E., p.32).Quão grandemente já havia sido relatado a ilustração vai ao encontro da narrativa e a relação texto verbal e não verbal se estabelece de forma harmoniosa na obra (P.Q.E., p. 32) também nesse episódio, em que é apresentada com toda pompa e circunstância a figura do temido Barba Azul.

Como muito apropriadamente adverte Mendes (1994) não podemos esperar que hajam textos absolutamente originais, isolados de outros ou do contexto sócio-político-cultural, estão todos impregnados de conceitos e inferências de outros textos, e assim as obras criadas e recriadas vão se transformando e ganhando novos significados e vozes através das reescritas realizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CARRIJO, Silvana. O poder da palavra escolher: Autonomia do Feminino na obra A Princesa que Escolhia. In: *Anais do XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, p. 1-10. Disponível em: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/silvana_augusta.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2013.

KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França FerrazSão Paulo: Perspectiva, 1974.

MACHADO, Ana Maria. *A princesa que escolhia*. Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MENDES, Nancy Maria. Intertextualidade: Noções básicas. In: PAULINO, Graça; WALTY, Ivete. (Org.) *Teoria da Literatura na escolar: atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994.

OLMI, Alba . Renovando a tradição pelos caminhos da intertextualidade . 2º Colóquio Leitura e Cognição. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, 2005.

PAULINO, Graça. CURY, Ivete Walty. ZILDA, Maria. Intertextualidade: teoria e prática. Belo Horizonte: Lê, 1995.